



Janeiro a Junho 2008

CAPA e BATINA

Nº 31 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

EM DESTAQUE

AAECL COMEMORA O SEU ANIVERSÁRIO EM COIMBRA

PÁG. 03

NESTE NÚMERO

NOVA IMAGEM E
NOVAS RÚBRICAS
PARA O CAPA E
BATINA!

II GALA
DO ANTIGO
ESTUDANTE
DE COIMBRA

PÁG. 03

PASSEIO DA
PRÉ-PRIMAVERA

PÁG. 04

PÁG.

02	EDITORIAL
03	EM DESTAQUE
09	CONFERÊNCIAS
11	TERTÚLIAS ACADÉMICAS
14	OS NOSSOS PASSEIOS
18	IN ILLO TEMPORE
19	A VOZ DA FILANTRÓPICA
20	A UNIVERSIDADE HOJE
22	ESPAÇO DE POESIA
23	OPINIÃO
24	ESPAÇO DAS ASSOCIAÇÕES
25	BLOGOSFERA
26	IN MEMORIAM
28	NOTÍCIAS BREVES

COMUNICAR MELHOR

O novo Capa e Batina aí está!

Vestiu novo fato, acrescentou novas peças de roupa à sua indumentária normal, foi buscar novos anéis ao joalheiro e eis que se apresenta com ousadia renovada perante os seus mais directos destinatários e que são a razão de ser da sua existência, ou seja, os antigos estudantes de Coimbra em Lisboa.

Assim, apresentamos hoje a primeira edição desta nova era do Capa e Batina, remoçado na sua forma e no seu conteúdo.

Com efeito, na era da informação e da globalização, em que a todo o momento somos bombardeados com notícias e apelos mediáticos do espaço físico e social que nos rodeia, importa ser capaz de comunicar com clareza e objectividade, conseguindo atrair a atenção dos públicos a impactar.

O segredo da comunicação escrita passa por, sem prejuízo da riqueza dos seus conteúdos, ser capaz de encontrar a forma mais adequada ao seu suporte, fazendo uso das melhores técnicas de imagem e arrumação de texto.

Foi neste contexto de permanente mudança que a Direcção da AAECCL tomou a decisão de melhorar o nosso Capa e Batina. Esta mudança traduz-se em dois aspectos fundamentais:

- na forma, modernizando o tipo de letra; disciplinando a arrumação dos textos e as suas dimensão e apresentação; acrescentando grafismos e imagens de suporte à comunicação, tornando-a mais agradável e sistematizando a sua disposição;
- nos conteúdos, pelo que, sem retirar nenhuma das rubricas já existente, acrescentam-se outras que há muito faziam falta, enriquecen-

do desta forma os temas tratados e abordados pela nossa revista.

Em bom rigor, há muito que a actual direcção almejava renovar o Capa e Batina. O objectivo que traçámos foi o de, preservando o lastro comunicacional afectivo do passado, sermos capazes de introduzir todas as mudanças que pudessem melhorar a forma como comunicamos entre nós. Julgamos, assim, ter encontrado uma fórmula de compromisso que permite estabelecer a ponte entre um modelo mais tradicional e os formatos editoriais mais actuais.

A mudança ora empreendida insere-se aliás num plano mais vasto de aposta na melhoria e alargamento dos suportes de comunicação da AAECCL com os seus associados, pelo que, em breve, estará igualmente no ar o nosso sítio na Internet.

O próprio Capa e Batina passará a estar disponível no nosso sítio em formato electrónico, podendo ser consultado por todos os nossos associados e outros cibernautas, sempre bem vindos ao nosso convívio.

O objectivo claramente assumido é comunicar mais e melhor com os nossos associados!

O resultado deste esforço de melhoria aí está! Correndo o risco próprio de quem empreende a mudança e é consequente com a mesma, sujeitamo-nos com humildade ao julgamento dos nossos colegas, ao mesmo tempo que estaremos sempre disponíveis para reunir as críticas e os contributos que visem melhorar, ainda mais, o nosso Capa e Batina.

A bem da AAECCL.

4 de Novembro de 2008

António Ribeiro



01.

16º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO II GALA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA PASSEIO DA (pré) PRIMAVERA

8 a 11 de Março 2008

A Reitoria da Universidade de Coimbra marcou a 2ª Gala para o dia 8 de Março, final da Semana Cultural da Universidade, e manifestou a maior vontade de a nossa Associação participar em força (à semelhança do ano passado...). Tal levou-nos a congeminar o "Projecto 3 em 1", correspondendo ao apelo feito. Assim:

- 1º Inovação na comemoração do aniversário da Associação, no Palácio de S. Marcos - desconhecido de muitos - invocando o "Dia da Mulher";
- 2º Participação na II Gala do Antigo Estudante de Coimbra com a nossa presença e a intervenção, no Sarau, do Luiz Goes e do Carlos Carranca;
- 3º Prosseguimos com o costumado Passeio da Primavera, por terras de Coimbra, Buçaco e Penela, um pouco antecipado no calendário, mas não menos apelativo que os anteriores.

A Reitoria cedeu gratuitamente o Palácio de S. Marcos, promoveu as visitas guiadas e os necessários contactos institucionais. Respondemos ao convite da Reitoria com: "A Associação está presente, com toda a solidariedade académica!".

O "Projecto 3 em 1" obteve maior adesão do que a esperada:

- 85 convivas no Aniversário da Associação comemorado no Palácio de S. Marcos,
- 72 na II Gala do Antigo Estudante de Coimbra, com a nossa presença e a intervenção no Sarau do Luiz Goes e do Carlos Carranca, e
- 55 no Passeio da Primavera (Coimbra, Penela, Buçaco).

1. Aniversário da Associação

No almoço comemorativo do Aniversário da Associação, a Professora Cristina Robalo Cordeiro, Vice-Reitora da Universidade de Coimbra (foto em

seguida), brindou os presentes com uma excelente alocução, alusiva ao Dia da Mulher, que transcrevemos de seguida.

2. II Gala do Antigo Estudante de Coimbra

Realizou-se a II Gala do Antigo Estudante de Coimbra. Foi com casa cheia que, no passado dia 8 de Março, decorreu no TAGV, a 2ª edição da Gala do Antigo Estudante da Universidade de Coimbra. Poesia, canção e guitarra de Coimbra, teatro e música erudita marcaram um espectáculo em que, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, a UC homenageou Manuela Azevedo, vocalista dos Clã, e a Real República Palácio da Loucura, fundada em 1947. Fazem parte da extensa lista de repúblicas que por ali passaram: Louzã Henriques, Camacho Vieira, Camilo Araújo Correia, Herberto Hélder, Vítor Miragaia, Daniel Proença de Carvalho, Tui Curto, Pio Abreu e Celso Cruzeiro, entre outros.



Nas Portas de Coimbra

3. Passeio da Primavera

Com a alma académica em plenitude, iniciamos o nosso habitual Passeio da Primavera (o bloco 3), dedicado o 1º dia, domingo, à lusa Atenas: ao lendário Basófilas acolheu-nos nas suas muitas águas a bordo de um barco com o seu nome, com animado almoço; ao Museu da Ciência e da Física, com visitas guiadas por jovens entusiastas e sabedoras; ao novel Parque Verde do Mondego, numa zona pitoresca que oferece regalo para os olhos e conforto para o estômago (jantar no Restaurante "A Taberna").

No dia seguinte – e mau grado a chuva que impediu o percurso pela Serra do Espinhel e suas aldeias xistosas – tivemos oportunidade ainda de admirar o seu Castelo, a Vila Romana do Rabaçal, o seu bem cuidado Museu e, pela primeira vez, assistir a uma aula de espeleologia, dada por um teórico e prático num Centro que dirige a actividade, bem explorada, na zona.

Tudo isto antecedido por uma recepção na Câmara Municipal, onde o seu jovem Presidente e coimbrão Eng. Paulo Júlio, nos saudou com entusiasmo, explanou as suas realizações e projectos, disponibilizou guias e técni-

cos para nos acompanharem ao longo do dia e... no final, ofereceu uma variada prova de produtos endógenos que... dispensou o jantar!

No último dia, o S. Pedro continuou a fustigar-nos com chuva que impossibilitou a visita a Montemor-o-Velho, mas não impediu um interessante percurso pelo Buçaco, com visita ao Museu Militar, ao Convento e uma autêntica via-sacra às Portas de Coimbra, aqui registada.

Tudo compensado pela beleza do Palácio e pelo requinte do almoço no "Palace Hotel", onde todos gostariam de ter ficado em remanso...

02.

Em nome da mulher...



Na minha juventude, numa época em que não se falava ainda de "pós-feminismo", quando me acontecia, como neste momento,

tomar a palavra em público, em nome ou a propósito da mulher, citava de bom grado a abertura de um romance de Maria Isabel Barreno:

"Ensinavam-me e eu aprendia: o homo faber, o homo sapiens, o homem é um animal racional, os homens descobriram o fogo, os homens da pré-história, o homem é um animal religioso, os patriarcas, Deus é pai, os faraós, o homem é um animal social, os filósofos gregos, os imperadores romanos, as eternas aspirações do homem, os guerreiros, os cavaleiros, os soldados, os marinheiros; os descobridores, os aventureiros, o homem da renascença; o homem tem sede de conhecimento; os físicos, os matemáticos, os homens lutam pela sua liberdade; os homens e a sua angústia vivencial; os operários, os capitalistas; os homens fazem o progresso técnico; os homens do governo; a declaração dos direitos do homem; os homens da imprensa; os homens lutam pelo poder; a exploração do homem pelo homem; milhões de homens morreram na guerra; os homens de boa vontade; a arte é uma necessidade do homem; o homem face à natureza..."

Um dia perguntei: Onde estão as mulheres?

Uma tirada tão eloquente e a irónica interrogação que a encerra obtinham sempre um vivo sucesso, junto das mulheres como, aliás também, junto dos homens. Hoje, volvidos quase trinta anos, e neste Palácio de São Marcos, a pergunta não apenas encontrou resposta – "As mulheres estão aqui!" – como também perdeu muito da sua pertinência ou, melhor dizendo, da sua impertinência.

Hoje, as mulheres estão em todo o lado, entre os presidentes, os generais, os juizes, os artistas, os engenheiros, os pilotos, os toureiros. Apenas o clero católico e romano hesita em recebê-las mas não é talvez senão uma questão de paciência. A revolução social, cultural e moral que levou à emancipação do "sexo fraco" está feita, pelo menos no ocidente, e uma declaração feminista com a da co-autora das Novas Cartas Portuguesas já não parece justificar-se.

E no entanto, há cerca de um ano, o reitor da Universidade de Harvard suscitava uma espécie de escândalo pondo em dúvida as capacidades científicas do espírito feminino. Pouco depois, a revista Time publica um inquérito "Women in Germany" onde se lê que há apenas 6% de docentes mulheres, na área das ciências, naquele país. Por contraste, a Universidade de Coimbra pode orgulhar-se de ser maioritariamente feminina: as estudantes são em maior número e, entre os docentes

doutorados, o universo de mulheres cresce de forma exponencial. Que podemos pensar desta evolução? Tratar-se-á de um fenómeno novo na história da Universidade? Poder-se-á arriscar um paralelo entre esta mutação e o desaparecimento do clero que, durante séculos, havia constituído a quase totalidade do corpo docente? Se os laicos tomaram o lugar dos clérigos, no decurso do século XVIII e sobretudo no século XIX, caberia hoje às mulheres ocupar, por sua vez, as cátedras.

Haverá aqui uma ruptura epistemológica? Uma revolução axiológica? Um sismo político? Deixando de lado a abissal questão de uma natureza ou de uma essência feminina (e talvez Lacan não estivesse enganado, por razões aliás subtis, quando afirmava que "La femme n'existe pas"), interroguemo-nos sobre o comportamento das mulheres perante três realidades simbólicas: o Saber, o Dever e o Poder.

No que toca à aptidão para o conhecimento, a demonstração está feita. Da escola primária aos estudos pós-doutorais, as mulheres, desde que essa possibilidade lhes foi concedida, forneceram, definitivamente, a prova da sua total igualdade. Acresce ainda que, segundo as estatísticas, o insucesso escolar é um mal mais masculino do que feminino. Nesta matéria, a prova da puberdade é muito mais mortífera para os rapazes: basta olharmos para a Faculdade de Medicina, conhecida pela sua extrema selectivi-

dade, e que acolhe todos os anos um número sensivelmente maior de raparigas do que de rapazes. É aos psicólogos e aos sociólogos que cabe determinar os factores deste estado de coisas. E é verdade que vemos as nossas alunas ultrapassarem os obstáculos semeados no caminho da aprendizagem intelectual com uma regularidade e uma segurança que os seus colegas muitas vezes manifestam em menor grau. Se alguns cursos (em particular as engenharias) permanecem o apanágio dos homens, é com certeza por razões que se prendem com as representações sociais ligadas às profissões e não em virtude da sua dificuldade científica intrínseca.

No terreno da investigação, os sucessos femininos multiplicam-se a olhos vistos: entre os investigadores premiados, as mulheres marcam presença com brio! É inútil insistir: quaisquer que sejam as diferenças que possam existir entre o cérebro feminino e o cérebro masculino, é notório, perante as estatísticas universitárias (as únicas que aqui nos interessam) e no plano da aquisição e da produção do saber, que o primeiro nada fica a dever ao segundo!

E quanto à segunda esfera: a do Dever? Devemos entender este conceito como o conjunto das injunções e das regras que decorrem da nossa função social. Assim, não é a consciência profissional, por exemplo, tão partilhada pelos dois sexos quanto o "bom senso" segundo Descartes? A medida quantitativa do escrúpulo, do zelo e da dedicação não nos permite entrar no segredo das almas. Estará a mulher mais apta do que o homem a obedecer ao imperativo categórico? Esta questão seria absurda aos olhos de Kant para quem o sujeito ético não tem sexo. Se o absentismo parece

afectar mais as mulheres, é sem dúvida porque, no corpo docente e administrativo da Universidade, existem numerosas mães de família e porque os hábitos (as inércias?) sociais ainda determinam que devem ser elas a sacrificar as suas carreiras aos filhos: quando muito, podemos falar de um conflito de deveres. Ao invés, por parte dos estudantes, o absentismo é claramente masculino. Mais escrupulosas, menos dadas à transgressão, as nossas alunas revelam uma autodisciplina e uma prudência maiores, em parte condição de um sucesso escolar superior. Concluamos estas demasiado rápidas considerações sobre a seriedade profissional na universidade (falta-nos ainda uma sólida pesquisa científica e filosófica), afirmando que as mulheres não são dotadas de um menor sentido moral mas que, na sociedade actual, possuem certamente mais deveres a cumprir do que os seus parceiros.

Resta-nos o Poder. Todos estamos de acordo em reconhecer o défice feminino em órgãos de decisão e de direcção. O peso "político" das mulheres não é proporcional ao lugar que ocupam e ao serviço que prestam na instituição universitária, como aliás nos outros sectores da actividade social e na vida política propriamente dita, onde as mulheres parecem recuar perante o exercício do poder que cada vez menos a elas se recusa. E o "machismo" não é já uma explicação suficiente para dar conta deste desequilíbrio. Se as mulheres parecem dispostas a assegurar pesadas e importantes responsabilidades (e não tem a nossa Universidade uma Administradora, uma Directora do Arquivo, e tantas outras mulheres presidentes de conselhos, directoras de departamentos, de institutos, de laboratórios e de centros de investigação, chefes de serviço?), a sua "libido do-

minandi" não as leva a uma exposição de corpo inteiro aos perigos que a acção pública comporta. Aqui reside uma espécie de enigma de origem talvez ontológica. A menos que, muito simplesmente, as filhas de Eva temam, mais do que tudo e todos, a caricatura!...

Permitam-me, para concluir, que aborde a questão matricial e simbólica de um longo trabalho sobre a linguagem, sobre as representações e os sinais, que, só ele, fará emergir e espalhar-se uma consciência nova, pelo menos nos indivíduos que sabem o que falar quer dizer. Os clichés são resistentes e enquanto subsistirem as imagens feitas, perversamente alimentadas pela publicidade e pelos media, inconscientemente instaladas na opinião, que continuam a aviltar a mulher e as mulheres, o combate da razão contra a ignorância e o preconceito não deverá dar tréguas.

Mas esta luta exige uma vigilância impiedosa que não poupa ninguém e que deve, antes de mais, exercer-se no interior de cada um e de cada uma de nós. Acuso-me assim pessoalmente, quando vou ao volante do meu carro, de me deixar arrastar, a despeito de todas as minhas ideias claras e distintas, pelos automatismos verbais que fazem da mulher o alvo preferido dos condutores de táxi menos esclarecidos!

Esta alienação sub-reptícia, esta trivialização quotidiana da palavra íntima é cúmplice muda de atentados muito mais graves contra a dignidade e a integridade da mulher. Mas é todavia por esta expurgação da linguagem que uma revolução moral deveria começar e acabar.

Terminarei afirmando que hoje, nesta reunião de Antigos Estudantes da UC, é justo que a uma velha senhora

prestemos homenagem. À Universidade, e particularmente à Universidade de Coimbra devemos a primeira oportunidade de um desabrochar intelectual e de uma carreira traçada segundo os nossos gostos e as nossas aptidões. Se as mulheres puderam sair da sua condição ancilar ou, pelo menos, subordinada, a que a história as havia relegado, é sem dúvida graças à coragem e ao sacrifício de certas militantes, mas é também, e sobretudo, graças à universidade, essa "alma mater" no seio da qual, e no confronto com as exigências próprias dos mais rigorosos saberes, tomaram consciência de si, das suas forças, dos seus direitos e das suas responsabilidades. E se o conhecimento e a sabedoria, são fins em si, ideais imprescritíveis, ao serviço dos quais a Universidade sem-

pre, até hoje, se consagrou, a mulher objecto do saber, a mulher, sujeito do saber, contribuirá para inflectir o próprio devir da Universidade, subtraindo-a à influência crescente do que lhe rouba a alma e a impede de atingir os fins últimos e absolutos.

Não sei exactamente - ninguém sabe - o que será o ensino superior nas próximas décadas. Mas sei - e todas nós sabemos! - o que devo à nossa Universidade, tão antiga e tão jovem, tão presa às suas tradições, mas mais ainda à sua liberdade. E o futuro passa, cada vez mais, pelas alunas da Universidade de Coimbra.

UM DIA VIRÁ ENTÃO EM QUE, DEPOIS DE UMA LISTA ENUMERANDO OS SEUS MÉRITOS E AS SUAS OBRAS, PERGUNTAREMOS: "ONDE ESTÃO OS HOMENS?"

Até lá, resta-me agradecer à Associação dos Antigos - e das Antigas - Estudantes da Universidade de Coimbra em Lisboa, o ter antecipado esse dia cada vez menos paradoxal, na fidelidade, na amizade e na paz dos géneros.

Cristina Robalo Cordeiro
Palácio de São Marcos,
8 de Março de 2008

03.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Sessão realizada na sede da associação, às 17h00, dia 5 de Março, com a seguinte Ordem de Trabalhos.

- Informações;
- Discussão e aprovação do Relatório e Contas do exercício de 2007, elaborado pela Direcção, e do Parecer do Conselho Fiscal;
- Apreciação e votação de alterações aos Estatutos da Associação propostas pela Direcção;
- Desistências de Sócios.

Novos Estatutos

- No entendimento de que os Estatutos da nossa Associação necessitavam de ser reformados e actualizados, nomeou a Direcção, para esse efeito, uma comissão que pouco depois apresentou um anteprojecto que analisado pela Direcção, foi em seguida submetido à apreciação, discussão e aprovação da Assembleia-geral efectuada a 5 de Março último.

Nem todos os associados se terão apercebido das principais alterações e correcções aprovadas

naquela Assembleia. E é para conhecimento de todos que vimos agora indicar o que de essencial foi proposto, discutido e aprovado e se encontra actualmente em vigor.

- Começaremos por sublinhar que, em consequência dessas alterações, temos agora como que uns novos Estatutos, com diferente estrutura em que, e por exemplo, nos anteriores, o Capítulo I compreendia a Denominação e Sede e o Capítulo II o Objecto, agora Denominação, Sede e Objecto formam apenas o Capítulo I.

3 De menor importância:

- a) A sede da Associação pode ser transferida para outro local na área metropolitana de Lisboa e que à Direcção compete efectivar o respectivo registo na Conservatória competente.
- b) Dos prémios e bolsas de estudo só podem agora beneficiar "os estudantes que frequentem uma qualquer das Faculdades da Universidade de Coimbra".
- c) A convocatória para as Assembleias Gerais é apenas enviada aos sócios efectivos.
- d) Compete à Assembleia Geral fixar o montante das quotas anuais, enquanto que antes essa competência era apenas para fixar quotas sem qualquer distinção.
- e) A pena de demissão deve ser aplicada pelo atraso injustificado de quatro quotas anuais.

4 - Significativas são as alterações substanciais que a seguir se indicam:

- a) Exige-se para admissão como sócio efectivo que "tenham frequentado efectivamente, durante pelo menos um ano lectivo, qualquer Faculdade da Universidade de Coimbra, ou aí prestado provas de mestrado ou de doutoramento ou que tenham frequentado um curso universitário completo de post-graduação, com a duração mínima de um ano lectivo de frequência".
- b) E quanto aos sócios extraordinários, exige-se que tivessem frequentado, em Coimbra, qualquer estabelecimento de ensino secundário, médio ou superior, "pelo menos um ano lectivo".
- c) Dispõe-se agora que, sem pagamento de jóia, podem também ser admitidos como sócios extraordinários, "os cônjuges sobre vivos

dos sócios efectivos ou quem com eles esteja a viver no momento da sua morte há mais de dois anos em união de facto nos termos legais e que tenham habitualmente frequentado a Associação, desde que o requeiram até seis meses depois de ter falecido o referido sócio."

- d) Inovatória é também a disposição pela qual adquirem a qualidade de sócios efectivos, sem pagamento de jóia, as pessoas referidas no número anterior que tiverem qualificações para serem sócios efectivos, desde que o requeiram dentro do referido prazo de 6 meses.
- e) No que respeita aos sócios honorários, podem ser nomeados os indivíduos ou instituições "nacionais ou estrangeiras" e pode ser retirada essa qualidade "a quem se revele posteriormente à concessão, indigno dessa qualidade".
- f) Quanto aos direitos e deveres dos sócios efectivos, podendo embora assistir às Assembleias-gerais, só têm o direito de voto e o de contribuir para o esclarecimento das questões que se discutirem, "desde que tenham pagas todas as quotas inclusive as do ano anterior".
- g) O Presidente da Mesa da Assembleia Geral é agora qualificado como "a entidade mais representativa no seio da Associação, garante a legalidade...".
- h) Quanto ao funcionamento das reuniões da Direcção, dispõe-se também no artigo 19º que essas reuniões são privadas, "a elas só podendo assistir membros de outro órgão social, funcionários da Associação ou sócios, cuja presença, a título excepcional seja expressamente solicitada pelo órgão em causa", salvo no que respeita ao Presidente do Conselho Fiscal "que poderá assistir às reuniões da Direcção sempre que o entenda".

- i) Relativamente ao cargo de cada um dos Presidentes dos três órgãos Sociais, inova o artigo 21º que "só pode ser exercido por quem tiver, na Universidade de Coimbra, frequentado e obtido aproveitamento, no mínimo, em todos os anos lectivos que integram uma licenciatura".
- j) A pena de demissão deve ser aplicada a qualquer sócio, desde que verificado que nunca tinha sido estudante de Coimbra.
- l) Constitui total inovação a disposição do artigo 32º, onde se prevê que as deliberações das assembleias-gerais devem ser consignadas em acta assinada pela Mesa e também as disposições dos artigos 34º e 35º que regulamentam as eleições para os Órgãos Sociais e a constituição das respectivas listas.
- m) Inovadora é ainda a disposição do número 3 do actual artigo 45º, ao dispor que os sócios demitidos não podem ser readmitidos nos dez anos seguintes à sua demissão.
- n) Matéria não prevista no anterior Estatuto, é também a que agora consta do artigo 64º onde se dispõe que "os sócios da Associação não respondem individualmente pelos encargos que a Associação assumir "e a que consta do artigo 65º, ao estipular-se que os "órgãos da Associação eleitos mantêm-se no exercício das suas funções até ao fim dos mandatos que assumiram."
- o) Importante e com muita actualidade e em reconhecimento de direitos anteriormente adquiridos por alguns actuais sócios, é a disposição, embora de natureza provisória, do artigo 66º, onde se estipula que "os sócios já admitidos ao abrigo dos Estatutos revogados, mantêm a categoria de que são titulares e os direitos adquiridos."



O REGÍCIDIO ONTEM E HOJE

Realizou-se no passado dia 29 de Fevereiro, o jantar/conferência no Hotel Avenida Palace (junto da Estação do Rossio, em Lisboa), seguido de uma palestra pelo Prof. Doutor Rui Ramos, autor da última e mais minuciosa biografia do controverso monarca. Uma qualificada visão dos acontecimentos, já exposta em canal televisivo. Entre as efemérides do corrente ano distingue-se o regicídio perpetrado contra a pessoa de D. Carlos de Bragança, penúltimo Rei de Portugal, assassinado numa praça pública, quando seguia com a família numa carruagem descoberta, em pleno dia, por entre o povo que o aclamava. Não foi um acto que dignificasse a República, que assim se anunciava, de arma em punho, disparando a matar.

Não cremos que os verdadeiros ideólogos da República se tivessem revisito nesse crime, ou, pelo menos, que todos os republicanos tivessem reju-

bilado com tal procedimento nem sequer que o tivessem simplesmente aprovado. Mas, claro, tratou-se de um assassinio político de que é inevitável reconhecer as motivações republicanas. A questão ainda hoje tem que se lhe diga. O reinado de D. Carlos não foi pacífico, decorreu numa época de sucessivas crises internacionais e internas, políticas, ideológicas, económicas e até culturais. A morte do Rei, para Portugal, podia ser a solução? Alguns o pensaram...

Não quisemos, nós, AAECL, passar em claro estes factos de há 100 anos. Fazem parte da nossa história recente, vale a pena conhecê-los, ter uma opinião a respeito.

Os cerca de 60 sócios presentes aplaudiram e animaram o debate que se seguiu e do qual registamos, de seguida, algumas das suas opiniões muito do interesse da assistência.

O Regicídio – D. Carlos I

D. Carlos Fernando Luís Maria Victor Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão de Bragança Sabóia Bourbon e Saxe-Coburgo-Gotha, nasceu em Lisboa em 1863, casou em 1886 com Amélia de Orleans, filha do Conde de Paris, subiu ao trono três anos depois.

Rui Ramos num mero exercício de história contrafactual, tem a convicção de que se não tivesse acontecido o regicídio, na tarde do dia 1 de

Fevereiro de 1908 muito provavelmente a Monarquia em Portugal podia ter durado mais uns anos, sem que houvesse a implantação da República, a 5 de Outubro de 1910, ou os excessos cometidos durante a I República, que culminaram no golpe militar de 28 de Maio de 1926. O acto foi levado a cabo por Alfredo Costa e Manuel Buiça, na Praça do Comércio, em Lisboa, que vitimou o Rei D. Carlos e o príncipe D. Luís Filipe, quando regressavam de Vila Viçosa.

"A Monarquia não estava condenada,

mas era um regime frágil, dependente de consensos", defendeu o historiador e estudioso desta controversa época da História de Portugal e também autor de uma obra biográfica, recentemente trazida a público, sobre o rei D. Carlos.

Quanto à importância deste tipo de efemérides, Rui Ramos lembrou que "faz parte da civilização de um país ter memória do seu passado". "É a riqueza de um país", acentuou. Por isso, considera ser importante interessar as pessoas por essa mesma memória, muito embora "sem divisões artificiais". "Há necessidade de se ir mais além do que os mitos e frases feitos na época".

Referindo-se ao papel político do Rei, Rui Ramos, investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, afirmou: "procurava uma certa reserva relativamente aos partidos, não era precipitado, tinha consciência dos seus limites, não era um megalómano nem narcisista, tinha até uma certa visão prosaica, de alguma forma, das coisas".

O historiador realçou a sua capacidade de "engenharia política" que permitiu recuperar os partidos políticos, Progressista e Regenerador, de modo a que o rotativismo democrático funcionasse, "mesmo quando apoiou a ditadura de João Franco" por si chamado a liderar o Governo do Reino.

Mais ainda, o historiador também recordou que, com a morte do rei D. Carlos, Portugal chegou ao fim de quase 80 anos de monarquia liberal e do regime de liberdade que ela representava, não deixando de recordar a I República (1910-1926), com todos os

seus exageros de que se revestiu, nomeadamente o anticlericalismo ou excessivo controlo do Estado, havia de conduzir ao golpe militar de 28 de Maio de 1926 e à instauração da ditadura durante 48 anos. Apesar de tudo, lembra Rui Ramos, houve mais anos em liberdade do que em repressão. "As coisas não acontecem por si próprias, dependem da sabedoria dos dirigentes e também da sorte", referiu.

Rui Ramos salientou a "lucidez do Rei" relativamente à posição do país nas relações internacionais e a "disponibilidade para tomar algumas decisões polémicas, e que o afastaram de alguma elite política".

Coroadado em 1889, se "o reinado não começou bem", e foi muitas vezes referido como "D. Carlos, o último", as "dificuldades iniciais foram-se dissipando".

"Reataram-se as relações com Inglaterra, ganhámos mais território até no Ultramar, daí as guerras coloniais, designadamente com o Gungunhana, são reconfirmados tratados internacionais, as questões financeira e a económica a partir de 1898 melhoraram muito, em parte graças às remessas dos emigrantes portugueses no Brasil".

Para o historiador, a morte de D. Carlos, pelas costas, sem guarda, "pois um rei constitucional apenas tem a guarda do seu povo", é "uma morte política e quem o assassinou estava enquadrada numa conspiração política, mas a documentação não nos permite dizer quem foi o mandante".

Recolhido por José António Correia; colaboração de Eduíno de Jesus.

(Fontes: LUSA e Jornal 1º Janeiro)

A CORTE PORTUGUESA NO BRASIL



Em comemoração do bicentenário da chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, realizou-se no passado dia 3 de Junho, o jantar no Hotel Avenida Palace, seguida de uma preleção sobre "A Corte Portuguesa no Rio de Janeiro" pelo Doutor Jorge Couto, Director da Biblioteca Nacional de Portugal, especialista na matéria, e também antigo aluno da Universidade de Coimbra.

Contou com as presenças de S. A. o Duque de Bragança, D. Duarte Nuno, estando também prevista a presença do Conselheiro Renato Assunção, em representação do Senhor Embaixador do Brasil. Participaram ainda cerca de 100 pessoas, Associados(as) e amigos(as) da AAECL.

Foi explicado, com muita sapiência e fluência, o enquadramento histórico e as razões desta deslocação da Corte para o Brasil. Em 1806 Portugal era a única Coroa europeia que Napoleão Bonaparte não tinha ainda derrotado e dominado. Com a transferência da Corte para o Brasil, Portugal evitou essa derrota e, entre outros aspectos, assegurou a manutenção dos muitos bens portugueses e dos navios da Armada portuguesa, através de uma complexa e bem preparada operação logística, preparada ao longo de vários meses nas costas da várias potências da época. Esta viagem entre Lisboa e o Rio de Janeiro durou 54 dias.

A Guerra das Laranjas correspondeu ao reatar das velhas alianças, reforçando os laços de Portugal com Inglaterra, que dominava os mares e que tinha derrotado a armada francesa em Trafalgar, e o eixo França-Espanha.

O duque de Wellington, o general Wesley, libertou Portugal das tropas napoleónicas. Revelou extraordinárias qualidades estratégicas e tácticas, foi comandante-chefe das forças peninsulares e repeliu os franceses de Portugal e Espanha. Aplicou aos franceses, entre Coimbra e Torres Ve-

dras (nas "Linha de Torres") uma política de terra queimada. Retirou os bens e pessoas para sul da linha de Torres e queimou o que restou. Ao chegarem os franceses, deparavam assim com uma escassez de tudo, provocando dificuldades elevadas de abastecimento e atrasos significativos ao seu avanço. Esta política teve também custos elevados para Portugal, para além das pilhagens realizadas pelos franceses.

O Brasil representava uma extensa área geográfica e riquezas imensas, muito cobizadas, de ouro e diamantes. Os ingleses beneficiaram da abertura de um porto em Santa Catarina, para acesso directo aos seus navios, para carregamento das mercadorias.

Desde 1808, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, que marcou o nascimento da nação brasileira moderna, o Brasil conhece uma fase grande crescimento económico impulsionado pelos cerca de 10.000 pessoas transferidas e pelas medidas desenvolvidas – estabelecimento do Banco do Brasil, autorização de fundições e estamparias concessão de sesmarias, implantação da Real Biblioteca e do Hospital do Rio de Janeiro, e a impressão de livros no Brasil. As grandes capitanias do Brasil (4) passaram a reportar directamente ao centro político do Rio de Janeiro.

Em 1818, o regente Dom João VI foi coroadado rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Três anos depois voltou para Portugal, deixando seu filho mais velho, Dom Pedro, como regente do Brasil. Em 7 de Setembro de 1822, Dom Pedro proclamou a Independência do Brasil (D. Pedro I do Brasil).

Seguiu-se um período de algumas perguntas e respostas, ao palestrante Doutor Jorge Couto e S.A. D. Duarte Nuno, terminando de seguida o agradável jantar com os agradecimentos, despedidas e um caloroso FRA.

Luísa de Paiva Boléo

O HINO NACIONAL E SEUS AUTORES

Palestra realizada na Sede da AAACL, dia 23 de Janeiro, pelas 17h30. Foi animada pela nossa associada Maria Luísa Paiva Boléo que preparou bem o tema e a respectiva apresentação, com meios multimédia. Contou com cerca de 40 participantes que seguiram com muita atenção as explicações detalhadas apresentadas, pese embora algumas dificuldades iniciais com os meios áudio-visuais disponíveis. Seguem em seguida alguns excertos do texto apresentado, cuja versão integral se encontra disponível na AAACL, para consulta.

"A história do hino nacional é bem conhecida aqui apenas são recordadas as circunstâncias em que foi musicado e o texto escrito. Os seus criadores tinham muito mais afinidades entre si do que à partida se pensava."

Alfredo Christiano Keil nasceu a 3 de Julho 1850 em Lisboa, no palácio de Barcelinhos (onde foram os Armazéns do Chiado). Filho de Johan Christian Keil (1820-1890), alemão de Hanôver então exilado político, em Lisboa, desde 1839 por se ter oposto à unificação alemã em curso e de Maria Josefina Stellpflug, filha de um alemão. A. Stellpflug, com a prestigianete profissão de sapateiro de sua Majestade Fidelíssima, El – Rei D. Fernando II, tinha a sua oficina na Rua do Alecrim, 20-21.

Mestre alfaiate Christian Keil seria o alfaiate do rei D. Luís e de boa parte da aristocracia e burguesia lisboeta. Porém a sua clientela estendia-se a outros países, onde se contava o Príncipe de Gales – futuro Eduardo VII. Muitos clientes vinham a Lisboa mandar fazer os seus fatos, visitar a cidade e ficavam

amigos deste alemão emigrado e muito bem relacionado com a alta finança. O filho, Alfredo pôde assim ter uma educação de menino rico sem qualquer limitação nos seus estudos e viagens.

Desde muito novo que Alfredo Keil mostrou um talento invulgar para a música, tendo, aos 12 anos, escrito a sua primeira peça musical com o título *Pensé Musicale*, que dedicou à mãe.

Estudou no Colégio de Santo António e em 1858 já tinha aulas de música com António Soller. Em 1860, com apenas dez anos, frequentava o colégio Britânico, na Rua Vale de Pereiro, em Lisboa e teve lições de piano com o famoso pianista húngaro Oscar de La Cinna. Em 1869 (19 anos) viajou com o pai pela Europa, passando por Madrid, Paris, Genebra, Zurique, visitando museus e monumentos e acabando por ficar em Nuremberga, para frequentar a Academia Real de Belas Artes e não deixou de frequentar os espectáculos nocturnos, que por sinal não eram do seu maior agrado. A guerra franco-prussiana, em 1870, força-o a regressar a Portugal, onde frequenta aulas de pintura com Miguel Luppi. Teve ainda como professores de música, António Soares e Ernesto Vieira, e aulas de desenho com o professor da Academia Real de Belas Artes, Joaquim Prieto e por incitamento dela, em 1878 concorreu à exposição de Paris com a tela «Melancolia», que lhe valeu uma Menção Honrosa, e em 1879, recebe a Medalha de Ouro na Exposição no Rio de Janeiro.

Compositor de paisagens e sons Alfredo Keil, que viajava muito e passava temporadas em Itália conseguia dividir o seu tempo entre a pintura e a composição musical. Em 1893, teve estreia em Turim a sua ópera Irene, baseada na lenda de Santa Iria. O sucesso foi enorme e o rei Humberto de Itália condecorou-o. Esta ópera foi, três anos mais tarde, le-

vada à cena no Real Teatro de São Carlos de Lisboa.

A ópera de Alfredo Keil que mais tempo perdurou foi Serrana, a primeira com libreto em português, inspirada num romance de Camilo Castelo Branco, composta entre 1895 e 1899 e estreada com sucesso no São Carlos, em Março de 1899. O texto é mais uma vez de Henrique Lopes de Mendonça. É talvez a peça musical mais conhecida, exceptuando "A Portuguesa", e, no século passado, foi levada à cena mais onze vezes.

Este autor, multifacetado legou-nos também obras escritas, contos e romances dos seus verdes anos e estudos como «Breve História dos Instrumentos de Música Antigos e Modernos» (1904), Colecções e Museus de Arte em Lisboa (1905), «Breve Notícia da Colecção Keil (instrumentos de música)» (1905) e um livro editado postumamente, «Tojos e Rosmaninhos».

Henrique Lopes de Mendonça nasce, em Lisboa, a 12 de Fevereiro de 1856, filho do militar António Raulino Lopes de Mendonça e de Honorata Lopes de Mendonça. Eram como Alfredo Keil oriundo da alta burguesia.

Foi historiador, arqueólogo naval, professor, conferencista, dramaturgo, cronista e romancista. Entrou para a Marinha Portuguesa em 27 de Outubro de 1871 sendo promovido a Guarda-Marinha em 1 de Novembro de 1874 e a Capitão de Mar-e-Guerra em 27 de Agosto de 1909, posto no qual foi reformado em 25 de Maio de 1912. Foi professor da Escola Prática de Artilharia Naval, então instalada no a bordo da fragata D. Fernando II e Glória. Em Janeiro de 1887 foi nomeado para coadjuvar o conselheiro João de Andrade Corvo na publicação dos estudos sobre as possessões ultramarinas. Casou com Amélia Bordalo Pinheiro, oitava filha de Manuel Maria Bordalo Pinheiro. Tiveram

três filhos. Virginia Lopes de Mendonça (1881-1969) contista e dramaturga, Al-da Lopes de Mendonça, desenhadora de rendas e Vasco Lopes de Mendonça (1881-1963), engenheiro militar, caricaturista e ceramista. Em Agosto de 1889 foi nomeado para proceder à elaboração de uma obra onde se historiassem metodicamente os feitos da Armada Portuguesa. Como fruto dessas investigações publicou Estudos sobre Navios Portugueses dos séculos XV e XVI.

Como escritor e dramaturgo, Lopes de Mendonça iniciou a carreira em 1884 com a peça A Noiva, a que se seguiu A Morta, que foi galardoada com o prémio D. Luís I da Academia das Ciências de Lisboa. Entre 1897 e 1901 foi bibliotecário da Escola Naval. Passou a professor da cadeira de História da Escola de Belas-Artes de Lisboa. Em 1900 foi eleito membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e em 1915, nomeado seu presidente.

Em 1916 foi agregado à comissão nomeada pelo governo para propor as versões oficiais e definitivas para piano, canto, orquestra e banda, e do Hino Nacional. Em 1922 foi nomeado presidente da comissão destinada a perpetuar a Viagem Aérea Lisboa-Rio de Janeiro. Em 1925 foi co-fundador da Sociedade Portuguesa de Autores. O Comandante Lopes de Mendonça foi ainda membro da Academia Brasileira de Letras, desde 1923, sócio do Instituto de Coimbra, membro Honorário do Clube de Londres, vogal do Conselho de Arte Dramática e membro das Comissões Oficiais dos Centenários de Cristóvão Colombo e de Vasco da Gama. Deixou escrita quase uma centena de obras teatrais, poesias, romances e estudos históricos.

Antecedentes do Ultimato Portugal ainda tentou, por via diplomática, alguns apoios nos países como Alemanha, Itália, Espanha, EUA França e Rússia, mas todos lhe viraram as costas como a dizer «é assunto vosso, tratem dele como entenderem».

Em finais do século XIX, havia graves conflitos entre a Grã-Bretanha e Portugal com as suas colónias africanas. Surge o caso do "Mapa cor-de-rosa" que

correspondia à perda de uma larga fatia do território português no continente africano, entre Angola e Moçambique.

É então que Alfredo Keil, animado dos mais elevados sentimentos patrióticos, compõe na noite de 12 de Janeiro, a marcha «A Portuguesa» então para canto e piano. No ano seguinte, os revoltosos de 31 de Janeiro proclamaram a república no Porto ao som da nova marcha.

A iniciativa da marcha nacionalista surgiu num jantar de amigos que frequentavam a Tabacaria Costa do Rossio e o estabelecimento do editor musical Neupart, onde se encontravam Alfredo Keil, António Ennes, António Lamas, o duque de Palmela, Fernando Caldeira, Hygino de Sousa, Rafael Bordalo Pinheiro, Sebastião de Magalhães Lima e Teófilo Braga entre outros.

Alfredo Keil compôs a letra num dia e que na madrugada foi a correr a casa do seu amigo Henrique para então este fazer a letra, recomendando-lhe: «O meu desejo era que cada compasso musical correspondesse na letra o sentimento que a ditou! Convém não deixar arrefecer o entusiasmo do povo. Que ele aprenda de cor quanto antes e a adopte como um canto de reivindicação nacional.»

A inspiração baseia-se no fado, canção de melancolia, a ária da Fonte hino de amor pátrio e a Marselhesa canto de revolta contra o despotismo.

A Portuguesa teve distribuição gratuita com uma tiragem de 12000 exemplares. Depois mais edições num total de 22 000 exemplares. O projecto gráfico foi do próprio Alfredo Keil. A marcha foi rapidamente traduzida na Alemanha, Espanha Itália e Rússia. A revista O Ocidente nº nº 405 de 21 de Março inclui uma edição especial de A Portuguesa e um dossier sobre os seus autores.

Em plena monarquia de D. Carlos «A Portuguesa» era cantada na rua, mas proibida oficialmente e motivo de grandes refregas. Foi preciso aguardar mais uns anos para que o ciclo do regime monárquico desse lugar à República, a 5 de Outubro de 1910. Até

esse dia, "A Portuguesa" esteve proibida de ser tocada em público. Depois, em 1911 é adoptada pela nova Constituição como Hino Nacional da República Portuguesa.

A mesma Assembleia Constituinte de 19 de Junho de 1911, que aprovou a Bandeira Nacional proclamou A Portuguesa como Hino Nacional. Era assim oficializada a composição de Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça que, numa feliz e extraordinária aliança de música e poesia, respectivamente, conseguira interpretar em 1890, com elevado sucesso, o sentimento patriótico de revolta contra o ultimato que a Inglaterra, em termos arrogantes e humilhantes, impusera a Portugal.

A 4 de Outubro de 1907, três anos e um dia antes de ser proclamada a República, Alfredo Keil morre, em Hamburgo, vítima de doença.

Contava apenas 57 anos e deixou inacabada a ópera "Índia", que começara a compor para as comemorações da chegada de Vasco da Gama à Índia. O seu enterro foi uma grande manifestação de pesar em Portugal e muito sentida na Europa.

Em 1956, constatando-se a existência de algumas variantes do Hino, não só na linha melódica, como até nas instrumentações, especialmente para banda, o Governo nomeou uma comissão encarregada de estudar a versão oficial de A Portuguesa, a qual elaborou uma proposta que, aprovada em Conselho de Ministros em 16 de Julho de 1957, é a que actualmente está em vigor.

O nosso hino é harmonioso. Foi composto e a letra concebida por imperativos patrióticos por dois homens que viveram o momento na pele, o que lhe dá maior força, a da autenticidade".

“A PORTUGUESA”

Nos finais do século XIX, "A Portuguesa", marcha vibrante e arrebatedora, de forte expressão patriótica, pela afirmação de independência que representa e pelo entusiasmo que desperta, torna-se, naturalmente e por mérito próprio, um consagrado símbolo nacional, na sua versão completa:

I

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós
Que há-de guiar-te à vitória!

Às armas, às armas!
Sobre a terra sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar,
marchar!

II

Desfralda a invicta Bandeira,
À luz viva do teu céu!
Brade a Europa à terra inteira:
Portugal não pereceu
Beija o solo teu jucundo
O oceano, a rugir d'amor,
E o teu Braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

Às armas, às armas!
Sobre a terra sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar,
marchar!

III

Saudai o Sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o eco de uma afronta
O sinal de ressurgir.
Raios dessa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustêm,
Contra as injúrias da sorte.

Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar,
marchar!

Fonte: Ministério da Defesa Nacional

Versão oficial de «A Portuguesa»

The image shows a musical score for the march 'A Portuguesa'. It consists of a single melodic line on a five-line staff with a treble clef and a 2/4 time signature. The lyrics are written below the notes. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. The lyrics are in Portuguese and match the text provided in the adjacent blocks.

O NOVO REGIME DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES

Palestra ao final da tarde pela Dr.ª Júlia Araújo, Directora de Serviços dos Recursos Humanos da Direcção Regional de Educação de Lisboa, dia 14 de Maio.

Este tema "escaldante" da actualidade foi bem explicado por quem detém o saber e a prática. Foram apresentados os diversos factores principais que levaram ao descontentamento dos professores, entre os quais: o congelamento das carreiras; aumento do período para a aposentação; alteração das carreiras, a criação da categoria de professor titular e seus critérios de selecção.

Foram apresentados os aspectos associados à alteração da avaliação, que passa a ser efectuada de 2 em 2 anos, e conta com quotas para os níveis de topo, incorporando também os resultados da avaliação das escolas.

Em relação ao actual modelo, baseado na experiência do Chile, registam-se alguns dados mencionados, como o universo de 120.000 professores que se distribuem por 1.200 Escolas ou Agrupamentos de Escolas. Estas irão passar a ser dirigidas por um Director Escolar.

Ficou combinado um novo encontro com a Dra. Júlia Araújo, após o agradecimento pela objectividade, brilhantismo da exposição e conhecimento do tema, para o visitar e aprofundar outros tópicos tão do agrado da audiência.

José António Correia

LÁ FORA

VIAGEM DE FIM DE ANO A SALAMANCA

A AAECCL realizou de 29 de Dezembro de 2007 a 2 de Janeiro de 2008 a passagem de ano em Salamanca, com visita às cidades de Ávila, Segóvia, Zamora, e Cáceres, todas elas consideradas Património da Humanidade, visitando ainda "La Alberca" e a cidade histórica de Alba de Tormes.

O grupo composto de 84 pessoas partiu em dois autocarros rumo a Espanha pela fronteira de Vilar Formoso, com o tempo cheio de neblina, e, já em território espanhol, chegámos a Ciudad Rodrigo e almoçámos na aldeia de La Alberca, conjunto artístico nacional. Após o almoço, subimos à vizinha serra de Peña de Francia, a 1.723 metros de altitude, onde tivemos oportunidade de observar a neve mesmo junto ao Santuário de N.ª Sra. de Peña de Francia, de grande devoção local. De seguida, partimos em direcção a Salamanca, e chegámos ao Hotel Régio, cerca das 21 horas.

No dia seguinte, 30 de Dezembro, partimos às 9 horas do Hotel para visitar a cidade de Ávila que fica a 88 Km de Salamanca e está situada no vale de Amblés, sendo a cidade mais alta de Espanha, a 1.100 m de altitude. Está cercada pelas imponentes muralhas (séc. XI), que configuram a cidade. As suas Igrejas e Palácios brasonados são

caracterizados pelos estilos pré-românico, românico e gótico, do final do século XI. Foi classificada Património da Humanidade em 1986.

Fomos à Catedral (estilo gótico de influência francesa) e à Igreja de S. Vicente (estilo românico) e ao convento de Sta. Teresa do Menino de Jesus, Santa reformadora, mística e Doutora da Igreja Católica, tendo nascido em 1515 e falecido no dia 14 de Outubro de 1582. Almoçámos no restaurante do Hotel Palácio do Valle de Rábanos, que pertenceu à nobreza do século XV, tendo a sua transformação em Hotel respeitado a fachada original.

Após o almoço, seguimos para a histórica cidade de Segóvia, igualmente património da humanidade. É a capital da província do mesmo nome, limitada a oeste por Ávila, a sul com Madrid e a norte com Burgos. Visitámos o Alcazar, e a Catedral, não esquecendo a sua peculiar muralha com painéis explicativos de como era a arquitectura medieval da cidade e o aqueduto com seus arcos góticos. O Alcazar foi residência real no século XIII, de estilo gótico, e mais tarde foi convertido em Museu. À direita do Alcazar, encontra-se o Palácio dos Reis de Castela e à sua esquerda, a casa da Química do século XVIII, onde o inves-

tigador francês, Louis Proust elaborou a Lei das Proporções Definidas. Ao final da tarde regressámos ao Hotel Régio.

Depois do jantar, realizou-se numa das salas do Hotel, um Workshop de danças de salão orientado por dois elementos do nosso grupo, no qual participaram muitos dos nossos colegas, tendo-se vivido uma noite muito alegre e divertida.

No dia 31 de Dezembro, partimos às 9 horas em direcção a Zamora, que se situa a 65 Km de Salamanca. A neblina teimava em não nos deixar, mas não desistimos de cumprir o nosso programa. Em Zamora, deparámo-nos à chegada com a sua imponente ponte de ferro sobre o rio Douro. Foi nesta cidade que foi armado cavaleiro o nosso 1.º Rei de Portugal D. Afonso Henriques. A Porta da Catedral de Zamora Obispo, constitui um elemento arquitectónico de excepcional beleza, destacando-se 4 arquivoltas lobuladas, as colunas coríntias, árabes e bizantinas, influência do estilo renascentista. Visitámos em seguida a Igreja de Sto. Ildefonso, com uma única nave de estilo gótico, resultante da fusão de três naves. Vimos o magnífico retábulo, onde está a estátua de Madame del Amor Hermoso, "Santa do Amor", venerada pelas pessoas que estão à procura



O Fado de Coimbra encantou também os espanhóis presentes

de namorado e se socorrem dela para pedir sorte no casamento. É como o nosso Santo António de Lisboa. Nesta cidade existem os palácios dos Condes de Alba. Regressámos ao Hotel para o almoço.

Às 15 horas partimos para o centro de Salamanca, cidade de referência Universitária, património artístico, histórico e cultural, com 170.000 habitantes, e ainda cerca de 40.000 estudantes. A cidade é atravessada pelo rio Tormes e está a 800 metros de altitude. Nela existem 12 conventos de clausura, com todas as ordens religiosas. A nossa visita centrou-se na Praça Mayor, vendo-se nela o arco de Filipe V, por ter sido construído durante o seu reinado. Esta praça é das mais belas de Espanha, data da época barroca, com numerosos arcos e fachadas diferentes, andares e varandas harmo-

niosas, sendo que os andares são percorridos por colunas coríntias com frontões. Percorrendo a Rua Mayor chega-se às Catedrais e também à Casa das Conchas que alberga a Biblioteca Nacional, onde existem livros que remontam aos anos 1050. Na Universidade Católica destaca-se a célebre fachada com porta dupla. A fachada é toda trabalhada à mão em estilo plateresco e pedra de Villamayor. A decoração é rica em detalhes e figuras entre elas a famosa rã que, segundo a lenda, dava sorte aos estudantes ao conseguirem descobri-la. De referir também La Clerecia – Colégio Real da Companhia de Jesus, hoje sede da Universidade Pontifícia. É composta por três torres, encontrando-se uma das cúpulas inclinada, consequência do terramoto de 1755. Regressámos ao Hotel ao fim da tarde para o nosso jantar de Reveillon, aliás, muito bem

servido, seguindo-se o baile que decorreu com muita alegria e animação, até altas horas da madrugada, sendo de registar o fado de Coimbra cantado pelo Fernando Rolim e pelo Mário Pombo.

No 1º. dia da ano de 2008, tivemos a manhã livre, tendo vários colegas aproveitado para ir a Salamanca assistir à Missa. Da parte da tarde, pelas 15h00 horas, partimos no autocarro para Alba de Tormes – aldeia situada na margem direita do rio com o mesmo nome. Visitámos o convento das Madres Carmelitas, onde viveu e morreu a Santa Teresa do Menino Jesus. Vimos ainda o quarto onde ela faleceu e ainda o coração e braço da Santa, que se encontram guardados intactos, dentro de uma redoma de vidro.

No dia 2, regressámos a Lisboa com passagem pela cidade de Cáceres com visita à parte histórica, considerada património no ano de 1949. Para a entrada da zona monumental, assim se chama por não existir qualquer comércio, passa-se pelo arco da estrela, tendo-se visitado a Concatedral de Santa Maria Mayor onde está o Cristo Negro do século XIV. Após esta visita, partimos rumo a Lisboa, onde chegámos por volta das 21H00 horas.

Lisboa, 14 de Janeiro de 2008

Maria Alice dos Santos Dias Pereira e
Alberto José Nunes Pereira

VIAGEM À AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA



...Na Nova Zelândia

Deslocaram-se à Austrália e Nova Zelândia 28 Sócios, em repetição da magnífica viagem de 2004. (Ver C&T N° 23, Junho 2004). Viagem com partida de Lisboa, escala em Londres e paragem em Singapura. Ao 4º dia partida para a Austrália com destino a Sidney, maior cidade do país, com 4 milhões de habitantes.

De Sidney seguiu-se a visita das Blue Mountains. Após esta visita o grupo rumou a Melbourne, onde realizou diversas outras visitas.

O grupo deslocou-se de seguida (14º dia) para a Nova Zelândia (voos Cairns/Sidney/Auckland, na N.Zelândia), onde se realizaram visitas aos principais pontos de interesse. Dos desertos da Austrália aos fiordes...

O regresso foi efectuado com escala em Los Angeles, dormida e visita a S.Francis-

co, nos EUA, e regresso via Londres.

A nossa opinião:

Como se esperava esta viagem foi uma, (mais uma), para mais tarde recordar.

A) Austrália

É um imenso Continente, cheio de coisas belas. Sidney com a sua fantástica Baía e a sua Ópera, Blue Mountains, Melbourne, Alice Springs, com toda a sua história ligada aos Aborígenes, Ayers Rock e o seu Monte Ayers, Uluru em Aborígene, ex-libris da Austrália, ainda mais belo ao nascer do Sol - diz quem teve coragem para se levantar às 5h da manhã para o observar - as Olgas e essa coisa interessante e diferente que é um deserto com um lençol de água por baixo!!!

Há ainda Cairns com a sua Grande Barreira de Corais.

E que dizer dos simpáticos Koalas, Canguarus e de outras "bichezas" também curiosas e excitantes, embora não tão "carinhosas"?

Só ficou por entender porque é que, com tanto espaço disponível, se constroem as casas umas em cima das outras. Será por simples falta de gosto ou haverá outra razão?

B) Nova Zelândia

Um espanto!!! Com um Guia de excelência, o Thomas, profissional, eficaz, educado, com sentido de humor, disponível para nos mostrar o mais possível e sempre com uma irradiante simpatia, viveram-se uns dias fantásticos.

Enquanto a Austrália tenta copiar os Estados Unidos e a cópia é sempre pior do que o original, a Nova Zelândia é mais Europeia.

A Cultura, a Arte e os Costumes dos Maori são francamente mais evoluídos do que os dos "feios" Aborígenes. Porquê? Terá a ver com as origens?

Com uma vegetação luxuriante, mas sem o tremendo calor húmido de Singapura, tudo é de uma beleza fantástica - Auckland, Rotorua e finalmente Queenstown e Christchurch, que "foram as cerejas em cima do bolo"!!!

C) A Agência Abreu

O Sr. Luís Marques, tão discreto, como eficiente e profissional, embora sempre atento, só interferiu no trabalho dos guias locais quando tal se mostrou indispensável. Conseguiu, sem dúvida, um generalizado e positivo consenso. O nosso muito obrigado pela segurança que a sua presença sempre nos transmitiu.

D) São Francisco

Já nossa conhecida, é contudo uma revisão que vale sempre a pena. Tudo é lindo, mas a sua Catedral é um hino à Arquitectura e à Engenharia

Nela e Zé Costa



Maria Claudina Castel-branco

VISITAS LOCAIS

No primeiro semestre deste ano, iniciámos esta actividade com a visita à "Exposição Arte e Cultura do Império Russo nas Coleções do Hermitage", no Palácio Nacional da Ajuda, em Janeiro, para dois grupos de 26 e 22 pessoas, em dois dias diferentes.



Museu do Azulejo

Em Fevereiro realizámos, com 27 pessoas, uma visita ao Museu de Arqueologia e à Exposição Temporária "O Ouro de Viana – da Pré-História à Actualidade". Por ser perto, terminámos em agradável convívio nos Pastéis de Belém.

O Museu da Música, foi o destino de Março para 18 pessoas e, em Abril, o Museu do Azulejo foi o palco de uma visita do agrado geral dos 16 partici-

pantes que terminou em alegre cavaqueira e óptimo lanche na cafeteria do museu.

Em Maio, a Exposição Temporária "A Educação do Príncipe" (com peças notáveis, do futuro Museu Aga Khan), na Fundação Gulbenkian, foi visitada em dois dias, por dois grupos de 16 e 12 pessoas (nº máximo permitido era de 15 pessoas em cada visita).

Em Junho, 25 colegas aderiram à visita ao recente Museu do Oriente, em que a expectativa foi, no geral, superada.

Como sempre, as visitas foram guiadas por técnicos superiores, muito qualificados, o que contribuiu para que tenham sido bastante apreciadas.

É, contudo, de salientar um ponto negativo que se refere às inscrições nas visitas, pois há colegas que faltam, sem aviso prévio impedindo, assim, outros colegas de participar nas mesmas. Como todas as visitas têm um número máximo de participantes, em geral 25, normalmente existe uma lista de espera que é respeitada, caso se saiba, antecipadamente, quem falta. Se o aviso não surgir, ficam outros colegas impossibilitados de participar e este, não é, de facto, o espírito coimbrão da camaradagem...

O MUSEU DA MÚSICA,
EM MARÇO E O MUSEU
DO AZULEJO EM ABRIL,
FORAM VISITAS DO
AGRADO GERAL

Fátima Lencastre

TESTEMUNHO

DA PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



Era uma jovem de 17 anos que, em Outubro de 1957, subiu pela primeira vez a escadaria da Faculdade de Direito.

E nem a saia, que inestéticas alças seguravam, nem os "soquetes", que na altura usavam as adolescentes, minoraram o pisar firme de quem vai determinada a vencer!

Desde logo, deparou-se-lhe uma turma (do 1º ano) com 600 rapazes e... 14 raparigas (condição esta que o "fera/seleccionador" Pires de Lima não aceitava de bom grado, depurando logo metade na prova final de passagem).

Talvez esta enorme desproporção de sexos tivesse pesado também no clima de fraternidade que, espontaneamente, nasceu entre todos; mas o certo é que a sua mais profunda razão de ser dimanava daquelas salas austeras, daqueles corredores/convívio, daquela "cabra" que todos ouviam com a mesma sonoridade e significado. Tanto assim que o toque do meio-dia soava como trompeta em todas as salas, a ponto de os Lentos nem se atreverem a pôr o ponto nos iii: era a saída das meninas da Faculdade de Letras (aqui num número inversamente proporcional ao da nossa faculdade)! E os galfarrões de Direito galgavam as escadas e perfilavam-se ao fundo da escadaria das Letras, classificando cada uma que passava com valorações tão certas que fariam inveja a qualquer júri da especialidade. O curioso desta situação é que os meus colegas exigiam a com-

panhia das suas (poucas) colegas e ensinavam-lhes os critérios tão bem que, no final, éramos nós a avançar a nota e até a ditar o veredicto inapelável. Assim decorriam 12 minutos de uma brincadeira sadia para as julgadas e para os julgadores, onde imperava o maior respeito, radicando em todos nós uma comunhão de valores e sentido de vida sem par em qualquer outra comunidade universitária conhecida.

Mas a mais valiosa expressão dessa vivência residia na partilha, sem reservas, dos conhecimentos que um de nós descobria fora das velhas sebatas que continham as matérias exigidas para as provas. Com que alegria o(a) descobridor(a) puxava o braço do(a) colega e lhe transmitia a informação extra (que não raro valia uma subida na escala de notas)!

A entreatajuda e a compreensão sobrelevavam todas as dificuldades, fossem quais fossem as circunstâncias. Relato apenas dois episódios:

1º - A Micá coabitava comigo no grande Lar do Penedo da Saudade e corria o risco de prescrever na cadeira do Pires de Lima; propus-me estudar com ela, se largasse o baralho de cartinhas de jogar que, viciadamente, manuseava em todo o lado, distraíndo-a; após uma luta renhida e ameaças em vão, peguei no maldito baralho e atirei-o janela fora; impropérios saltaram, mas a Micá ficou atenta e tirou 11 na cadeira!

2º - O mais avantajado dos nossos Mestres embirrava com a constante abstracção poética do Manel, meu parceiro do lado, interpelando-o com frequência; o Manel só despertava com as minhas cotoveladas, de que nunca abdiquei apesar das magistras admoestações que sofria...

Consta-me, hoje, que esta comunhão de interesses imateriais, esta generosidade intelectual se foram esbatendo à medida que a competitividade ganha terreno, por força das menores oportunidades de emprego no final da jornada académica. Redunda numa perda – que desejo conjuntural – porque o carácter forjado na abertura de espírito e no respeito pela verdade e pelos outros, que a minha geração viveu, preside à vida inteira, quase instintivamente, e irmana os antigos estudantes de Coimbra onde quer que se fixem e onde ou quando se reencontrem.

Na verdade, a velha Torre tem o condão de criar um universo de amigos em cujos encontros, mesmo os mais longínquos, se reatam os olhares, as cumplicidades, as conversas, como se na véspera nos tivéssemos dito: "até amanhã" (um amanhã que pode distar dezenas de anos...).

O caso paradigmático destes enlaces é o dos "encontros de curso". Podem ter uma periodicidade curta ou longa, mas a "Alma Mater" que lhes subjaz não esmorece, a solidariedade fortifica-se, a memória da vida académica revigora.



A VOZ DA FILANTRÓPICA

Maria Claudina
Castel-branco

OS NOSSOS CHÁS

No primeiro semestre deste ano continuámos as nossas actividades solidárias por todos conhecidas e chás-convívio os quais, decididamente, já fazem parte da agenda de muitos associados. O Chá dos Reis, embora sem os presentes dos ditos, foi muito animado e encerrou da melhor forma a quadra de convívio natalício.

NO CHÁ DA ROSA, O DRESS CODE FOI CUMPRIDO A PRECEITO, TODOS OS CAVALHEIROS USARAM PEÇA DE VESTUÁRIO COR-DE-ROSA

A animação esteve a cargo dos nossos colegas Tito e Alcindo que nos brindaram, como sempre, com um agradável momento musical.

Para além destes momentos de convívio, não esquecemos a nossa vocação solidária e, por isso, foram oferecidos uns óculos graduados a quem deles necessitava e pago um tratamento anti-tabágico, que se revelou bem sucedido. Pensamos estar a cumprir a missão a que nos propusemos e apelamos à vossa colaboração, frequentando os nossos chás e fazendo-nos chegar sugestões e informações sobre colegas que possam necessitar do nosso apoio.

E até a memória dos Docentes: no primeiro encontro do nosso curso, dez anos decorridos, o venerando Pereira Coelho perguntou-me: "então, Fátima, chegou a casar com o rapaz alto e moreno, das engenharias?".

É que os nossos Professores, na generalidade, acompanhavam as vidas pessoais dos alunos e até intervinham quando tal se justificava (sempre em nosso benefício). Lembro-me, a respeito, do passeio de curso à Alemanha para visitar o sistema prisional, no qual participaram 80 dos meus colegas e uma única rapariga, que era eu – facto que levou o Prof. Eduardo Correia a exigir a presença da então "gravidíssima" Teresa, mulher do seu Assistente Figueiredo Dias, para me fazer a "devida guarda" (mal sabia o tão zeloso Professor que era eu a "guarda" de alguns dos meus companheiros, a pedido secreto das suas mulheres ou namoradas...). Pois o Figueiredo Dias puxou-me as orelhas por mor da ousadia de ter subido à torre da Catedral de Colónia, proeza de antemão proibida (recente intervenção cirúrgica); ainda hoje nos provocamos mutuamente à conta deste incidente.

A SOLIDARIEDADE – QUE É APANÁGIO DE QUEM INTERIO- RIZOU A MÍSTICA COIMBRÃ MESMO PARA COM AQUELES QUE NÃO USUFRUÍRAM DESSA VIVÊNCIA – IMPEDE-ME DE REALÇAR AQUI AS MAIS-VALIAS PARA A MENTE E PARA O DIS- CERNIMENTO QUE A ESCOLA DE COIMBRA PROJECTA NAS NOSSAS VIDAS PROFISSIONAIS.

É, também memorável o fino espírito de compreensão manifestado pelo Prof. Ferrer Correia, aquando da minha entrada na sua aula, pela primeira vez atrasada e pela primeira vez vestida com o traje académico (pertencia à Comissão da Queima das Fitas, que ia ter uma audiência com o Magnífico Reitor). Pois o Mestre suspendeu a lição, mandou que o Bedel retirasse a falta já marcada e dirigiu-se aos colegas, exortando-os: "então, meus senhores, não aplaudem a elegância da vossa colega?". Quão bem compreendia que os saltos altos (exigidos na altura) do traje académico haviam dificultado o meu habitual percurso desde o Penedo da Saudade!...

Esta reverente familiaridade é hoje quase obstruída pela explosão de discentes universitários verificada ao longo de décadas, daí resultando outra perda, mas creio que compensada por factores positivos da actual vida académica (ocorre-me que as jovens melómanas de hoje não se vêem constrangidas, como me senti, a prescindir da assistência a concertos da Pró-Arte ou similar por terem de recolher aos lares até às 22h...).

STOP. Esgotei o castrante tempo de antena.

Uma certeza me consola para já: a de testemunhar, neste passo, a vertente humana dessa vivência coimbrã, que enformou um substrato sólido de respeito pelas opções ou posturas de vida que não sigo, de dádiva incondicional aos outros, em suma, de autenticidade nas relações dentro e fora da matriz coimbrã e que encontrou a sua expressão mais acabada (mas sempre aberta) no seio das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra.



Vice-Reitor da Universidade de Coimbra

ENTREVISTA COM PROF. DOUTOR PEDRO SARAIVA

Na actuação da Reitoria da UC podemos mencionar, entre outros aspectos, a realização da II Gala dos Antigos Estudantes e o lançamento da Rede UC cujo âmbito ronda já os 10.000 registos, nas suas diversas tipologias.

1. A Gala do Antigo Estudante de Coimbra vai na sua IIª edição. Que aspectos gostaria de destacar na realização deste evento, enquadrado no "projecto 3 em 1" com a AAACL, e na participação dos antigos estudantes nas iniciativas desenvolvidas pela UC?

R: Com a criação da Gala do Antigo Estudante, em estreita colaboração com as Associações de Antigos Estudantes, pretendeu-se estabelecer um espaço anual de encontro e reencontro das diversas gerações de estudantes que a Universidade de Coimbra muito se orgulha de ter formado ao longo dos tempos. A concretização da segunda edição traduz um salto qualitativo importante em termos de evolução da iniciativa. Na noite de 8 de Março foi assim possível preencher o Teatro Académico Gil Vicente, através de sucessivas participações de e para antigos estudantes, que englobaram diferentes momentos musicais, teatro e poesia, incluindo ainda momentos de homenagem a Manuela Azevedo (vocalista dos Clã) e à Real República Palácio da Loucura. O apoio prestado pela AAACL, sob a liderança entusiástica de sua Presidente, Dra. Fátima Lencastre, foi mais uma vez imprescindível ao sucesso da iniciativa, através de uma formatação que permitiu conjugar a participação neste evento com a celebração do aniversário da associação e ainda com uma breve digressão por Coimbra e alguns dos seus concelhos limítrofes. De sublinhar ainda o excelente contributo dado pela AAACL para o próprio programa da II Gala do

Antigo Estudante, com as brilhantes intervenções de Luiz Goes e Carlos Carranca, bem como a quantidade de associados e antigos estudantes que mobilizou para mais esta iniciativa conjunta. Depois de ter sido decisiva aquando do lançamento e realização da primeira edição, e do contributo dado na segunda edição, a breve trecho iremos começar a trabalhar na preparação da III Gala do Antigo Estudante, na certeza de que o faremos uma vez mais com o apoio e o empenho da AAACL enquanto parceiro fundamental.

2. Consideram importante e planeiam envolver os antigos estudantes em novas iniciativas da UC? Que contributos podem ser aguardados no futuro próximo?

R: A crescente aproximação da Universidade de Coimbra aos seus antigos estudantes é um objectivo estrategicamente assumido e que se tem procurado afirmar no terreno através de um crescente conjunto de iniciativas, saindo reforçado com a nova versão dos estatutos da universidade, submetidos para homologação governamental, onde fica consagrado, na definição da sua própria matriz identitária, que "a Universidade de Coimbra considera que os seus Antigos Estudantes não são apenas parte da sua história mas constituem um suporte fundamental da sua afirmação no presente e no futuro e da sua ligação à sociedade". De modo a reforçar estes elos de ligação, e ao mesmo tempo contribuir para a consolidação das Associações de Antigos Estudantes, foi lançada há dois anos a Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, construída desde o início com o envolvimento das Associações de Antigos Estudantes, que possui um mecanismo de registo efectuado em linha (www.uc.pt/antigos-estudantes), e conta actualmente com perto de 10.000

membros, das mais variadas gerações e Faculdades. Funciona também ela numa plataforma electrónica que nos permite ver quem integra a rede, remeter mensalmente novidades, facultar um conjunto de descontos e promover novos produtos de merchandising, nalguns casos concebidos por alunos, como sucede com o relógio Lótus Pateo, recentemente lançado.

Adicionalmente, e indo ao encontro das necessidades de aprendizagem ao longo da vida, a Universidade de Coimbra identificou um conjunto de 17 cursos de curta duração, baseados em mecanismos de aprendizagem a distância (www.uc.pt/elearning), que cobrem uma panóplia de áreas do conhecimento, especialmente direccionados para que todos os que assim o desejem possam voltar a ser sempre nossos alunos. Actualmente decorre um período de aceitação de pré-inscrições nestes cursos, abertas igualmente em condições preferenciais para antigos estudantes. Para quem assim o deseje, a Rede de Antigos Estudantes prevê ainda a possibilidade de estreitamento de modos de relacionamento diversificados com os seus antigos estudantes, através de diferentes tipologias de relacionamento, igualmente descritas no sítio da Internet acima referido. Mais atenta do que nunca ao significado e relevância de uma intensa proximidade com os seus antigos estudantes, a Universidade de Coimbra encontra-se sempre disponível para vos receber, recolher contributos e sugestões de iniciativas a desenvolver futuramente, sendo justo referir o importante papel que a AAACL tem assumido neste contexto, e que decerto irá continuar a assumir igualmente no futuro, que não posso nem devo deixar de aqui sublinhar e agradecer publicamente.

O Presidente da Direcção Geral da AAC
André Oliveira

ALTERAÇÕES PROFUNDAS DO CÓDIGO DA PRAXE GERAM POLÉMICA NO SEIO DA ACADEMIA

Face à importância e actualidade do tema, auscultamos a opinião da Direcção Geral da AAC sobre o novo Código da Praxe e o novo Programa da Queima das Fitas, com a alteração das principais datas, como a Monumental Serenata à sexta-feira e o Cortejo ao domingo, nomeadamente. Segue-se a posição transmitida pelo seu Presidente.

O Novo Código da Praxe Académica da Universidade de Coimbra representa a adaptação da praxe coimbrã às exigências do Processo de Bolonha.

Ao nível da hierarquia da praxe e dos respectivos títulos praxísticos, verificaram-se algumas alterações, com a introdução de novos graus e designações, passando a hierarquia ser a seguinte: caloiro, semi-puto, candeeiro e bacharel, no primeiro ciclo, e bolognez, marquez e veterano no segundo ciclo. No que diz respeito ao traje feminino visou-se uma uniformização do mesmo, proibindo-se o uso do colete feminino. Medida que gerou controvérsia no seio da Academia, principalmente do lado feminino. Está também prevista a criação de um novo órgão praxístico, o "Senatus Praxis", que substitui a comissão permanente do Conselho de Veteranos. Por outro lado, no que toca às trupes e

juízos o controlo será mais apertado. Sendo necessário a entrega de um "Sanctionatis Documentum" ao sancionado, nas trupes, sendo necessária a indicação do sancionador. Ao nível dos juízos, o Conselho de Veteranos irá indicar para todos eles um representante, sob pena dos mesmos serem ilegais. Também existiram algumas alterações no que toca às festas académicas, nomeadamente na Queima das Fitas. A Benção das Pastas foi antecipada, sendo realizada 15 dias antes do início da Queima. Na noite da Serenata Monumental passa a haver Noite do Parque, deixando de lado os tradicionais convívios das Faculdades. Por outro lado, o Cortejo, que tradicionalmente se realizava na terça-feira, passa a realizar-se no domingo. O Baile de Gala terá lugar na terça-feira e o Chá Dançante na quinta-feira.

As alterações relativas à Queima das Fitas geraram bastante polémica, tendo inclusivamente existido um "Cortejo alternativo", na terça-feira da Queima das Fitas, em jeito de protesto.

Efectivamente, estamos perante alterações profundas do Código da Praxe que geraram polémica no seio da Academia. Antes das alterações o Conselho de Veteranos abriu um período para entrega de propostas, em que a

participação de estudantes foi reduzida. A Direcção-Geral da AAC entende que alterações profundas ao Código da Praxe devem merecer a reflexão de todos, sendo este o momento ideal para se fazer um balanço das mudanças até agora operadas, auscultando os estudantes, para que no futuro se alcance um consenso na Academia. Neste sentido, a Direcção-Geral irá em breve fazer inquéritos junto dos estudantes, para perceber melhor a opinião de todos e posteriormente apresentar as devidas alterações ao Conselho de Veteranos.

SALVE, COIMBRA!

Salve, Coimbra, a ti quero cantar,
Clara mãe de poetas e doutores,
Lembras de Inês os trágicos amores,
Capas negras, guitarras a chorar.

Orgulho lusitano a proclamar
Da pródiga amizade seus sabores,
Camaradagem de reais valores,
Que nunca os tempos poderão riscar.

Eu te saúdo, canto tão amado,
E num amplexo vai toda a vaidade
Dos factos memoráveis do passado.

Que os jovens que hoje lutam pela
verdade,
Te honrem e exaltem, firmes a teu
lado,
Dignos filhos de tão nobre cidade.

Do livro “Do Âmago do meu Ser”, em
1990

Antónia Caetano

VOU ESCREVER À PESSOA DE QUEM GOSTO

Hoje é Dia de Namorados.

Diana

És uma flor

E o meu amor

És o meu viver

Fazes tudo em mim acontecer

Gosto de tudo em ti

És tudo para mim

E para me despedir de ti

Dou-te um beijo... assim

Bernardo
10 anos
Feito na aula

Os nossos poetas

Dos mais jovens, motivados pelos nossos amigos e estimados sócios, inserimos de seguida um poema inédito. Trata-se do neto do Sutil Roque, com 10 anos, a quem damos os parabéns e, também desta forma, incentivamos a continuar. Aos restantes, esperamos pelos vossos poemas para preencher esta secção...



Por Maria José Bernardino



O MEU PRIMEIRO ANO NA DIRECÇÃO

Durante o último ano, tive o gosto e o privilégio de conviver de forma mais próxima e regular com alguns dos colegas da Associação, sobretudo com os da Direcção. Esta experiência associativa proporcionou-me a oportunidade de presenciar a dedicação e empenho que os meus colegas mais antigos colocam na preparação dos chás, das conferências, dos passeios, das viagens, etc., São um extraordinário exemplo, para as gerações mais recentes, de entrega a uma causa colectiva, que é essencial para a perpetuação da nossa Associação.

Quero, também, dar o meu testemunho como participante em algumas das actividades promovidas pela Associação, das quais destaco uma que pude partilhar com os meus filhos, ainda crianças, e muitos amigos de todas as idades. Refiro-me ao passeio, em Setembro passado, à Quinta da Regaleira, em Sintra, onde um grupo muito heterogéneo, de cerca de 25 pessoas, usufruiu de um belíssimo dia sol e da fantástica visita, guiada pela Ana Castel-branco e Almeida Bernardo que nos proporcionou um inesquecível passeio pelo romântico e esotérico jardim e conjunto arquitectónico.

Lamento, apenas, a pouca disponibilidade que a vida familiar e os afazeres profissionais me deixam para poder acompanhar os colegas nas inúmeras iniciativas proporcionadas, todas com enorme interesse cultural e lúdico.

Deixo, deste modo, o meu reconhecimento e agradecimento a todos os colegas com quem, colectivamente, tenho enriquecido a minha vivência pessoal.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

A "Alumni", designação abreviada de Associação dos "Antigos Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra", nasceu fruto do empenho de alguns antigos estudantes daquela Instituição que acreditaram ser possível e, – ao mesmo tempo –, valer a pena, efectuar uma troca de saberes entre gerações de juristas unidos pelo facto de um dia terem frequentado a F.D.U.C., seja no âmbito de uma Licenciatura, seja no de um Mestrado ou ainda de um Doutoramento. A isso se acrescenta que sonhamos com a consolidação dos valores e espírito àquela pertencentes.

A nossa Associação é ainda muito jovem, razão pela qual não estranhará se dissermos que temos ainda um longo caminho a percorrer para atingirmos cabalmente os seus fins. Mas, certamente que há outra razão pela qual ainda não os atingimos: ela fica a dever-se ao facto de nos faltar, como Associado, um de vós que agora lê estas linhas.

Fica, pois, aqui o apelo para que, em homenagem aos valores que todos comungamos, enquanto antigos estudantes da Faculdade de Direito de Universidade de Coimbra, se junte a nós e passe a ser uma Alumna ou um Alumnus, caminhando connosco em direcção às metas da Alumni.

Ana Rita Alfaiate (Secretária)

CORPOS SOCIAIS DA ALUMNI

(Eleitos em Assembleia-Geral 28 de Maio de 2005 e reconduzidos em Assembleia-Geral de 7 de Junho de 2008)

Mesa de Assembleia

Daniel Proença de Carvalho

Maria de Fátima Lencastre

Paulo Mota Pinto

Direcção

José de Faria Costa (Presidente)

Alexandra Vilela

Virgínia Veiga

Conselho Fiscal

Benjamim Silva Rodrigues

Guilherme Xavier de Basto

José Carlos Vieira de Andrade

Consilium

Álvaro Laborinho Lúcio

António Arnaut

António Barbosa de Melo

António Castanheira Neves

António de Almeida Santos

Artur Santos Silva

Emílio Rui Vilar

Eurico Nogueira

Fernando Aguiar Branco

Francisco Pereira Coelho

José Cardoso da Costa

José Miguel Júdice

José Narciso Cunha Rodrigues

Manuel Henrique Mesquita

Maria de Fátima Lencastre

Mário Júlio de Almeida Costa

Miguel Veiga

Rogério Soares

Rui Alarcão



VISITAS AOS SÍTIOS E BLOGUES

José António Correia e Luís Martins

CORTEJO DA QUEIMA DAS FITAS 2008

Domingo, 4 de Maio de 2008

Neste capítulo iremos apresentar excertos da vasta informação presente na Internet e que nos pareceu relevante, merecedora da sua divulgação específica junto dos Antigos Alunos de Coimbra.

Nesta data, foi o cortejo da Queima das Fitas de Coimbra, pela primeira vez ao Domingo. Como sempre os antigos estudantes abriram o cortejo com boa disposição e excelente espírito académico.



Os Antigos Estudantes no Cortejo da Queima das Fitas de 2008 em <http://ruilopesfotos.blogspot.com>.

"Dux Veteranorum" admite novas alterações para a Queima 2009

Protestos ao actual figurino podem motivar mudanças pontuais. O Conselho de Veteranos (CV) vai abrir um período de análise e reflexão após a Queima.

O ano de 2008 foi de viragem para a Queima das Fitas, com o Processo de

Bolonha a obrigar a mexidas profundas no formato da maior festa académica do país. As alterações podem continuar já para o ano, admitiu ontem o presidente do Conselho de Veteranos (CV), João Luís Jesus. «Existe a possibilidade de reajustes, caso se justifiquem. Mas só mudamos se for para melhor», afirmou o "Dux Veteranorum".

«Após a Queima das Fitas desde ano o CV vai analisar todos os processos, ver os prós e os contras, e vai ser dado um novo espaço para as pessoas darem a sua opinião», explicou João Luís Jesus.

A Academia não tem uma posição consensual em relação às mudanças implementadas pelo Conselho. A Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra (SF/AAC) tem sido uma das vozes mais activas nos protestos ao novo figurino. O grupo de estudantes abriu a Serenata Monumental 2008 com um comunicado a contestar o novo modelo da festa. A SF/AAC defende que a mudança da Serenata da madrugada de sexta-feira para a de sábado significa «o mais duro e vergonhoso golpe à praxe coimbrã». Os estudantes da secção não concordam que tenha havido a primeira Noite de Parque logo a seguir à Serenata, nem que o Sarau seja à quarta-feira, e consideraram que o actual "Dux Veteranorum" «é tudo menos a voz dos usos e costumes da Academia de Coimbra».

O presidente do Conselho de Veteranos aceita as críticas, até porque «estamos num país democrático e toda a gente tem direito a protestar», mas recorda que todo o processo de alteração do figurino da Queima «demorou mais de um ano, onde foi pedida a participação de toda a gente e ninguém se deu ao trabalho de participar».

João Luís Jesus recordou ainda que o balanço será feito apenas no final da festa académica. Mas em relação aos eventos tradicionais que já decorreram, como a Serenata e o Cortejo, sempre vai dizendo que «a adesão dos estudantes tem sido igual ou maior em relação a Queimas das Fitas anteriores».

Bruno Vicente

In "Diário de Coimbra", 6 Maio 2008
<http://www.diariocoimbra.pt>

VALE A PENA VISITAR CAVALO SELVAGEM

<http://cavalinhoselvagem.blogspot.com>

O Cavalo Selvagem é um blog muito interessante sobre o Bairro Norton de Matos para uns, ou Marechal Carmona para outros.

Manuel Figueiredo Ferreira

...UM PUNHADO DE PALAVRAS PARA UM HOMEM BOM

Joaquim de Oliveira Martins (1935 – 2008)

1. Partiu o Joaquim, em busca de uma nova circunstância.

Sem reparar que não houve tempo para se despedir dos amigos. Não tinha conseguido digerir aquelas "atrocidades" que o vinham impedindo de exercer a sua actividade profissional com a dignidade e o pundonor que ele inscrevia no quadro de satisfação pessoal para que muito justamente apontava.

Fora, primeiro, a destreza manual afectada, num pequeno acidente de carro. Seguirá-se um conjunto de problemas de acuidade visual, com maior ou menor recorrência de outros processos então em curso, e o Joaquim confessava, numa ironia branda, que afinal aquilo para que menos tinha sabido preparar-se era para fazer frente a um tempo sem trabalho activo, como aquele a que se via forçado, e que nem lhe parecia nada mau...

Era seu entendimento que deveria ter sabido apetrechar-se, em tempo oportuno, dos instrumentos de "bem gozar toda a sela" que o impedissem de sentir aqueles arrepios metafísicos que o incomodavam, por exemplo, depois de um bom almoço. Mas, lá está, o tempo nunca joga a nosso favor...

Joguemos, então, nós, com a categoria espaço e aproveitemos palavras disponíveis de Nuno Pacheco (Público, 06 Maio 2008), em mensagem endereçada a Torcato Sepúlveda – "Era um dos nossos e os nossos estão sempre à distância de um abraço" – para marcar o nosso território e precisar ao que vimos.

2. Estamos aqui, assim sendo, para garantir uma passagem de testemunho – só nos separa a distância de um abraço... – o que nos leva, por um lado, a interceder, junto do Joaquim, para que, lá nos campos de brisas ligeiras onde agora se encontra, e onde, seguramente, já terá encontrado o Armando Marta, e o António Bernardino, e outros..., e outros..., nos represente e lhes faça chegar (ele está inscrito, claro) o nosso abraço, do tamanho do Mundo, mesmo sem termos qualquer certeza sobre se o mundo tem mesmo tamanho, ou se esse tamanho é por nós perceptível; por outro lado, a partilhar algumas memórias com que nos propomos, despretensiosamente, fazer chegar a quem menos bem o conhecia, ou mais distraído andava, meia dúzia de pequenos traços para a composição de um perfil, de Homem Bom, que antecipávamos no título.

3. Permitam-nos, então, umas quantas notas soltas, de clarificação, umas, ou de desmistificação, eventualmente, as restantes:

O JOAQUIM E OS MÉDIA

Era o próprio que procurava fazer passar a mensagem de que raramente lia jornais, só de longe em longe via televisão ou ouvia rádio, e por aí adiante.

Só que ele esquecia-se de referir que aquilo que não lia, via ou ouvia correspondia, sensivelmente, ao que Pacheco Pereira, recentemente, designou "cultura da irrelevância", e isso não cabia nas contas do seu rosário.

O JOAQUIM E A SUA COSTELA DE FILÓSOFO

Há uns bons pares de anos, em casa de amigos comuns, depois de uma sessão de aprofundamento gastronómico, e após audição atenta da exposição de um jovem que não sabia como sair da encruzilhada a que havia chegado, eu hesitava no discurso, pesava as palavras, olhava em redor, à procura de melhor inspiração, até que, mesmo ao lado, o Joaquim, em atitude de socrática humildade, nos pergunta se pode contribuir com um pedacinho de prosa...

Foi um verdadeiro "achamento" o que fiz nessa noite em relação à capacidade de "aconselhamento filosófico" do nosso amigo, que, em momentos de solenidade inter-repúblicas, passei a tratar por Filósofo.

O JOAQUIM E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Como bom minhoto, o Joaquim era profundamente religioso (católico apostólico romano, segundo a norma) e o encarniçamento com que, por vezes, defendia as suas posições parecia atirá-lo para sectores de um culturalismo religioso manifestamente fundamentalista. Uma apreciação serena e despreconceituosa conduzia, porém, a uma leitura bem diferente, que nos mostrava um Joaquim de comprometimentos éticos assumidos, sim, mas que podia perfeitamente passar ao lado de um qualquer suporte litúrgico que não tivesse sido sujeito a escrutínio seu, em tempo oportuno.

O JOAQUIM E O FUNDAMENTALISMO POLÍTICO

Idêntico encarniçamento, no plano político, correspondia, mais que qualquer outra coisa, ao prazer que sentia em discretear, aqui e ali lançando um foguete ao ar, a ver onde e como é que caía a cana e se alguém corria a apañá-la.

No fundo, tratava-se de um questionamento manso o do Joaquim, nesta matéria, para apaziguar velhas e várias inquietudes.

O JOAQUIM E A CABO-VERDIANIDADE
Não poderá considerar-se que o Joaquim partilhasse, de qualquer forma, a maneira de pensar e de sentir dos Cabo-Verdianos.

Não é menos certo que deverá considerar-se um deles, todavia, pela forma como "agarrava" e assumia "a diferença", como a "injectava" de mais-valias e sobre ela assentava todo um clima de abertura, que era apanágio do seu normal relacionamento com as pessoas.

O JOAQUIM, UM "DRAGÃO" QUE CEDE O NINHO ÀS "ÁGUIAS"

As grandes (e também as outras) noites europeias do Benfica costumavam ser passadas, a dois tempos, nas bancadas de amesendação do

Joaquim. Mas, porquê a dois tempos? Eu explico: não são os tempos normais dos desafios de futebol, ou de outros desportos; são os tempos de chegada ao "local de trabalho". É que uns (eu e o Jorge Caramelo, por exemplo), menos prosélitos, ocupavam o lugar à mesa mal soava o 1º sinal da trombeta da casa. Os outros (o Rui Macedo e o Artur Cutileiro, por exemplo), esperavam pelo último apito do árbitro. E o Joaquim, que não tinha sido baptizado na mesma pia, enquanto "dragão" que era, lá estava, com o apoio dedicado e sorridente da Celeste, a emprestar o ninho às "águias" que iam chegando, a quem se limitava a colocar duas questões, num castelhano de fino recorte:

- Hay problemas?
- Hay motivo?

Problemas não havia nunca, pois se assim fosse não estávamos lá.

O motivo era por demais evidente.

4. Diz-nos Miguel Torga que
"A velhice é isto:
ou se chora sem motivo,
ou os olhos ficam secos
de lucidez"

e eu terei que procurar novamente o apoio de Nuno Pacheco (já anteriormente referenciado) para aqui deixar uma nota de algum hedonismo, ainda que aparentemente minimalista: (para ti e para nós)

**"Um copo na mesa
e a eternidade no horizonte"**

Até sempre, Joaquim.

NOTA DA DIRECÇÃO

Depois deste retrato perfeito, à Direcção cabe apenas testemunhar o entusiasmo que o Joaquim manifestou ao longo de fartos anos pela nossa causa associativa e a dedicação ao seu "munus" de Presidente do Conselho Fiscal.

Ei-lo no desempenho de uma grata função: entregar o prémio à melhor aluna da Faculdade de Medicina na Tomada da Bastilha de 2007.

Com salutar Saudade, até sempre!



O Joaquim a "segredar" conselhos de médico para uma colega neófito...

Deixaram-nos...

No primeiro Semestre de 2008:

D. Maria Luísa de Albuquerque Santos Pina de Jesus, Sócio 993 – em 3 de Janeiro;

Dr.ª Sara Maria da Silva Menano Almiro e Castro, Sócio 292 – em 19 de Janeiro;

Eng. Vasco de Faria Pimentel Morais Fonseca, Sócio 436 – em 20 de Março;

Dr. Joaquim Oliveira Martins, Sócio 44 – em 25 de Março;

Dr. António Gumersindo Paiva Parada, Sócio 322 – em 1 de Abril

Carlos Alexandre Fortes Alinho, Sócio 650 – em 1 de Junho

Dr. Mário Castelo Branco Gonçalves, Sócio 543 – em 7 de Maio

Que descansem em Paz!

01.

JANTARES MENSAIS



Realizaram-se os jantares mensais na Valenciana previstos para o 1º semestre de 2008. O primeiro evento deste ano foi realizado a 4 de Abril, pois nos meses passados outras realizações se sobrepuseram. Contou com a participação de 53 convivas. Cantaram-se os parabéns aos aniversariantes e a serenata do grupo Porta Férrea foi dedicada, a título póstumo, ao estimado colega Oliveira Martins, em lembrança e agradecimento, por toda a dedicação e pelo trabalho desenvolvido em prole da AAECL.



Dia 2 de Maio – Encontro dos amigos, no ambiente de alegria e espontaneidade que já conheces. Na sobremesa do jantar, os aniversariantes ofereceram bolo de aniversário aos presentes.

02.

FOLIA DO CARNAVAL

No ambiente preferido (Altis Park Hotel) e com o conjunto Lorenzo's Combo de sempre, 81 Sócios e Amigos deram largas à sua jovialidade e desfrutaram, mais uma vez, da brincadeira do 1º bolo de aniversário a fingir...

03.

ENCONTRO DOS “AMERICANOS”

No dia 10 de Maio, 38 dos 49 participantes na viagem “EUA – Costa a Costa” reviveram todos os passos andados através de um filme muito completo, da exposição de fotografias (com prémios...), recheando-os de comentários de excelência; no final, o repasto que todos esperam.

De uns queridos ausentes (no Porto) recebemos esta mensagem:

“Prezados Camaradas num dos estados evolutivos por que passamos até cinza e pó, somos, agora, simples e integralmente, esta folha de papel. E tudo o que somos está nela, por cedência das Sombra, que o Norte não libertou.

Assim vos revemos e abraçamos afetuosamente.

10/05/2008 Victória – Napoleão

04.

CURSOS DE BORDADOS

Iniciou-se com 5 “aprendizas”, que, no dizer da generosa “Mestra”, irão tornar-se profissionais de respeito...

06.

LANÇAMENTOS DE LIVROS



A autora com amigos

Ecos da América Latina

Apresentação do livro de Fernanda Godinho Esteves, da Editora SeteCaminhos.

Decorreu no passado dia 13 de Março de 2008, no espaço do Atheneu Comercial de Lisboa, a apresentação do livro, a cargo de Carlos Consiglieri. Esta sessão contou com a presença da ilustre Presidente da Direcção da AAEL e de Carlos Carranca.

FRÁTRIA

Lançamento do livro de Carlos Carranca

Estivemos presentes no lançamento em Lisboa do livro do Carlos Carranca "Fratria", que teve lugar no dia 20 de Maio, no Palácio Beau-Séjour, com a apresentação pela Dr.ª Maria Barroso e pelo Professor José d'Encarnação, seguida de um concerto de canto e guitarra de Coimbra.

07.

DIVERSAS



Antigos Orfeonistas premiados no Festival de São Petersburgo

O Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra foi galardoado com a Taça de Ouro, equivalente à vitória no concurso, no II World Choir Festival, que decorreu na cidade de São Petersburgo (Rússia) entre 16 e 21 de Junho.

Numa actuação com peças de música sacra, de autores de Coimbra e peças de música de Coimbra acompanhadas por guitarra e viola, o Coro demonstrou a sua valia e reafirmou a qualidade da música e do trabalho coral que tem vindo a desenvolver em Portugal e no estrangeiro.

O Coro dos Antigos Orfeonistas é um Embaixador Oficial da Universidade de Coimbra.

Aqui ficam os nossos parabéns e a nossa Saudação Académica.

Para mais informações, pode consultar o sítio do Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, em: <http://www.uc.pt/antorf>.

A Casa da Académica em Lisboa divulgou em Lisboa, no dia 19 de Fevereiro, no restaurante "Espaço Tejo" (antiga FIL, na Junqueira), o livro "Académica: História do Futebol", da autoria de João Mesquita e João Santana, lançado em Coimbra com enorme sucesso. A nossa Associação, correspondendo ao apelo feito, associou-se a esta iniciativa, com toda a solidariedade académica, divulgando-a junto dos conhecidos "briosos" e comparecendo no local. Registou-se a habitual sessão de autógrafos; após o jantar, e tertúlia com intervenção dos autores e debate.

Ainda temos Sócios com Quotas em atraso!

Quando estarão todas em dia? Dependemos do cumprimento de um dever estatutário...!

08.

FESTA DOS SANTOS POPULARES

Convívio dos Santos Populares

O tradicional convívio dos Santos Populares reuniu no dia 28 de Junho de 2008 um animado e alargado grupo de 106 convivas, no usual restaurante da Quinta da Ponte D'Asseca (Santarém). Depois do almoço, seguiu-se uma tarde dança ao som do Conjunto Musical e a exibição de Rancho Folclórico de Fazendas de Almeirim.

A criatividade e a participação no concurso de quadras dos Santos Populares são ilustradas de seguida com a publicação dos versos premiados.

1º Prémio

Arranjou noivas aos montes,
todas casou por amor...

Mas depois deu-as aos outros!

Santo António é que é doutor.

Doutor, Bacharel etc. (Teresa Leónidas)

**2º Prémio**

Santo António é que é doutor
mas cá nesta reinação

Os doutores aqui presentes
são sábios mas Santos... não.

Odisseia (Isabel Alexandre)

3º Prémio

Santo António é que é Doutor;

Connosco vem para a rua,

Vem reviver o passado,

Coimbra também é tua.

Ego (Manuel Osório)

Menção Honrosa

Não penses que sabes tudo.

Sobre o verdadeiro Amor.

É que nessa matéria,

Santo António é que é doutor.

Marialva (Isabel Prazeres)

Concluída a confraternização, ficou registada a vontade de um novo encontro, a realizar na mesma época, no próximo ano.

09.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...

Mais uma vez temos o prazer de referir os nomes dos Sócios e Amigos que contribuíram no 1º semestre de 2008, para o Património da nossa Associação com várias ofertas: CD's, livros, livros da Queima, plaquetas, etc.

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário, de não os nomearmos no nosso agradecimento.

Foram eles:

Fernando Rolim, Eduíno de Jesus, Câmara Municipal de Coimbra, Reitoria da Universidade de Coimbra, Direcção da Associação Académica de Coimbra, Maria Manuela Aguiar, Maria da Piedade Tavela Veloso, Francisco Augusto Pereira Salgado Dias (retrato em aquarela do Luiz Goes), Carlos Carranca, Fernanda Godinho Esteves, João Eduardo Ataíde Laranjeira, Maria Amélia Ferreira Pinto, Jorge Couto, Manuel Carvalho Varela, que por lapso não foi referido no "Capa Batina" n.º 29/30 de 2007, a oferta da sua tese de Doutoramento "Parasitas e Parasitoses em Piscicultura", pelo que apresentamos as nossas desculpas. Em destaque muito especial a dádiva de uma bela guitarra da nossa Sócia Maria das Dores Marques da Costa Lopes da Silva.

A todos o nosso

Bem hajam!

10.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- A Associação Académica de Coimbra convidou-nos a assistir:
 - à inauguração da Exposição de Decretus pintados por Mário Silva entre 1954 e 1970, ocorrida em 19 de Janeiro e
 - à tomada de posse dos seus Órgãos Gerentes 2008, que teve lugar no dia 24 de Janeiro;
- O Presidente da C. M. de Cascais e o Presidente da Fundação D. Luís I re-
 - quereram a nossa presença na inauguração da Exposição de pintura Ocidente/Oriente, de José Sarmento, em 11 de Abril;
- A Casa dos Açores festejou o seu 81º Aniversário no dia 18 de Abril, tendo o seu Presidente dado os lugares de honra à nossa Direção e acolhido com solidariedade associados nossos;
- Participámos, a convite da Reitoria da U.C., no dia 5 de Abril no Palácio de S. Marcos, à apresentação e apreciação do "Programa de Requalificação da Alta Universitária de Coimbra" visando a sua candidatura a Património Mundial da Unesco;
- Também partilhámos a Tertúlia promovida no dia 3 de Junho pela Sociedade de Língua Portuguesa, sobre a obra de Carlos Couceiro "Fábulas".

11.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS

... em 2008 (até Junho) foram:

Dr.ª Laura Vale da Costa Vicente,
Sócio nº 1252;

Eng. Luís Miguel Gaspar Martins,
Sócio nº 1253;

Dr. Alfredo Carlos André dos Santos,
Sócio nº 1254;

Dr.ª Maria Manuela da Silva Bernardo
Gonçalves, Sócio nº 1255;

Dr.ª Celeste Pinto Costa Martins,
Sócio nº 44;

Dr. Acácio Meireles da Cruz,
Sócio nº 1256

e

Dr. Manuel Cirilo Livreiro Rocha,
Sócio nº 1257.

Estão à venda na Sede os vídeos e DVD seguintes:

- Viagem de Verão a Berlim/ Hannover / Expo 2000;
- Passeio da Primavera 2002 a Salamanca e Viagem de Fim-de-Ano em Madrid;
- Viagem de Fim-de-Ano na Madeira / Pôr-do-Sol;
- Viagem de Verão ao Canadá e Nova Iorque;

– Passeio de Verão a S. Petersburgo, Báltico, Finlândia, Lapónia e Cabo Norte;

– Grande Viagem ao Chile / Patagónia / Ilha da Páscoa / Terra do Fogo / Argentina;

Grande Viagem de Costa a Costa dos E.U.A..

– "Viagem aos E.U. América".

– Holanda e cruzeiro no Reno.

– Império dos Incas (Perú e Bolívia).

Estão à venda os CD's áudio (caso ainda não disponhas adquiere já a tua cópia):

- "Regresso de quem nunca partiu", CD do Fernando Rolim.
- CD do Coro dos Antigos Orfeonistas da UC "20 anos ao vivo, no CCB".
- "Poesia para todos", CD de Carlos Carranca.



FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: aaecl@sapo.pt

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

